**DIFERENÇAS DOUTRINÁRIAS ENTRE BATISTAS E PRESBITERIANOS**

**Autor: Dr. William Carey Taylor**

**Introdução**

A tática geralmente adotada pelos polêmicos presbiterianos de nosso ambiente é a de procurar esmagar com sarcasmo, descomposturas e superiores ares de literatice qualquer batista que tenha a coragem de defender e propagar as doutrinas do Novo Testamento rejeitadas pelo presbiterianismo. Os estranhos ficam completamente atônitos diante de semelhante espetáculo de carnalidade, julgam que o defensor da verdade é tão culpado quanto é o oponente da verdade e querem apagar logo “o escândalo”. O batista geralmente não diz coisa alguma contra o caráter de outrem, mas ocupa-se em discutir as Escrituras. Portanto, quando a opinião publica abafa ou abandona a discussão, estão de pé mil injurias do caluniador contra o pregador batista e este é obrigado ao silencio, a bem da paz evangélica e para não escandalizar os incrédulos. Qual valentão que insulta, intimida e agride um homem pacato e depois insiste diante dos curiosos que afluem: “Isto é muito feio, muito inconveniente, os homens devem viver em paz, vamos nos esquecer de tudo isto, nós somos irmãos, dá cá um abraço, irmão”; assim ofendem polêmicos proselytadores aos que anunciam na sua pureza a pregação de Jesus Cristo os quais ficam reduzidos a objeto de escárnio, e classificados de desordeiros nos meios evangélicos, taxados de “mentiroso, anarquista, diabólico, pagão, desembestado, modernista, idolatra, insano, perverso”, etc., etc. Assim é o folheto do Rev. Anibal Nora. O prof. Teixeira ataca os batistas como anarquistas na Igreja e no Estado, inimigos da criança e do lar. E o prof. Oliveira classifica todos de “milímetro e meio...milímetro e meio – matematicamente exatos!”

(Isto vem de longe. Calvino soube amar e casar-se com uma viúva anabatista, mas Serveto foi banido; então, quando descoberto em território nacional outra vez, foi capturado e queimado vivo).

Bem. Com isto surtem efeito. O pregador batista é publicamente envergonhado, e é tentado a recuar triste e deixar os valentões donos do campo da luta. Então o tom se muda. Para o campo de batalha se arrasta “a mesa do Senhor”. Sorrisos sucedem aos olhares raivosos. Doçura proselytadora envolve as consciências. Superlativos de fraternidade substituem bravatas e insultos. “Nada há de diferenças. Somos um. Uma igreja é tão boa quanto outra. Todos vamos para o mesmo lugar. Comungaremos juntos no céu. Nada destas diferenças é essencial – são como a questão se Adão foi branco ou preto”. E, adulando os batistas pacatos, ferindo e afastando da confiança que merece o pregador batista e proselytando sempre, os advogados da desobediência a Jesus Cristo manobram o publico para seus fins sectários.

Recusamos ser intimidados; e nomes feios, por pavorosos que sejam, não nos obrigarão a calar-nos. Vou examinar as reais e graves diferenças entre o cristianismo como é entendido pelos presbiterianos e côo é pregado pelos batistas. Estas diferenças são de doutrinas, e no terreno doutrinário as discutirei, sem uma palavra desairosa sobre o caráter ou a salvação de quem quer que seja. Personalismo não tem lugar em doutrinar.

As diferenças entre presbiterianos e batistas são muito mais e maiores do que o prof. Oliveira indica. Iremos analisar algumas:

**As diferenças entre presbiterianos e batistas são muito mais e maiores do que o prof. Oliveira indica. Iremos analisar algumas**:

**(A)** Diferente atitude para com o cerimonialismo do Velho Testamento. A norma batista é apostólica. A norma católica é levitica. A norma presbiteriana, em parte, é patriarcal e mosaica. São diferenças fundamentais.

Jesus Cristo afirmou que não veio pôr um remendo de pano novo em vestido velho, Mat. 9:16. Calvino veio do romanismo, trazendo um terno eclesiástico coberto destes remendos – muitos costurados por “S.” Agostinho. Caducou o cerimonialismo levítico. Porém, padre ou reformador cosem remendos novos e ainda revestem a esfarrapada vestidura cerimonial. Em lugar de circuncisão abolida costuram o remendo do batismo infantil. Em lugar do presbitério da tribo ou sinagoga costuram o presbitério regional, soberano sobre as igrejas da zona abrangida. Em lugar da Páscoa costuram a Ceia do Senhor. Em lugar das festas judaicas costuram o calendário eclesiástico. Em lugar do sábado de Israel chamam o dia do Senhor o “sábado cristão”. Em lugar da teocracia localizada na Palestina fica o remendo da teocracia de Calvino em Genebra e de Knox na Escócia. Em lugar da assembléia nacional de Israel (que era uma reunião congregacional de todos os Israelitas para deliberação democrática sobre seus problemas) fica o remendo da Assembléia Geral de uma Igreja Nacional Presbiteriana que é composta de umas dúzias de poderosos que governam o povo pelas suas decisões oligárquicas. Em vez do Templo faustoso em Jerusalém ficam as catedrais européias, algumas protestantes. Em lugar da união oficial do judaísmo religioso com o governo civil de Israel, vemos a união da Igreja Presbiteriana e o Estado, nas terras onde ela tem força para isto – Escócia, Holanda, etc.

Remendos, remendos, remendos! Jesus Cristo não é o autor de nenhum deles, nem apóia a idéia. Sua religião é nova.

(Talvez deva definir o sentido em que uso “religião” aqui. Não é no sentido de doutrina, teologia, salvação, comunhão com Deus, mas no sentido do termo bíblico -- Opnokeia, culto. Thayer define o termo como: “culto religioso, especialmente externo, que consiste de cerimônias, disciplina religiosa”. A Bíblia nitidamente distingue o termo. Religião não é salvação, nem é a soma de verdades reveladas. A salvação é o que Deus faz a favor do pecador arrependido e crente, por meio da morte, ressurreição, intercessão e poder de Jesus Cristo. A religião, em sua manifestação legitima, é o culto e louvor que o homem salvo presta a Deus em gratidão e obediência. Nós temos o mesmo Deus que tinham Adão, Noé, Abraão, Moisés, Davi, João Batista e Paulo. Mas nada temos com o culto e as cerimônias de épocas caducas, porque este mesmo Deus rasgou aquele véu, abandonou aquele templo, classificou aqueles ritos como “jugos insuportável”, Atos 15, pregou aquelas cerimônias na cruz de Jesus Cristo, anulou o sistema levítico completamente, declarou seus ritos meras sombras, aboliu totalmente o elemento externo e cerimonial do Velho Testamento, sepultando-o num tumulo do qual nunca haverá ressurreição. Podem os padres ou os reformadores desenterrar o cadáver, mas não deixa de ser defunto. Daí a impotência fedente da Reforma de Lutero. Nunca ninguém dará vida ao que Deus matou).

A religião de Jesus Crist é novo dia. Não tomou emprestada coisa alguma peculiar ao judaísmo, nem lhe imitou os ritos, as sinagogas, a teocracia cívico-eclesiástica, nem suas festas e dias santos, nem coisa alguma de sua vida exterior. Deus mandou o precursor de Jesus Cristo inaugurar o batismo. Não foi tomado emprestado da imersão costumeira dos prosélitos judaicos que o Prof. Warfield descreve. (Veja-se o meu “Batismo Bíblico”). Há imersão no mundo desde que nele há água, mas a imersão introduzida pelo Batista era um ato absolutamente novo em sua autoridade e simbolismo. Jesus Cristo instituiu sua própria Ceia, principiou as reuniões de sue povo no dia do Senhor, chamou seu próprio ministério, inspirou suas próprias Escrituras, que são nossa autoridade única na matéria de cerimônias cristãs, organizou sua própria igreja num modelo congregacional, independente de prelados ou oligarquias superiores, autônoma, responsável diretamente ao seu Senhor. Ele nunca organizou ou apoiou igreja nacional. Enviou mensagens no fim do primeiro século ás igrejas locais na província da Ásia, sem jamais autorizar organização alguma regional ou nacional para governar estas igrejas locais. A religião que Cristo nos deu, nada pede de Moisés. Tem veste completamente nova, é novo vinho em odres novos. É cristianismo, não patriarquismo-mosaismo-cristianizado como é o sistema almejado por Calvino e seus seguidores.

Ora isso não é da categoria de uma tola discussão de um fútil assunto como o da cor da pele de Adão, se era branca ou preta, sobre o qual a Bíblia não fala. Mas, sobre a matéria das diferenças entre batistas e presbiterianos, a Bíblia fala, e fala muito, fala em alto e bom som e fala como a clareza da luz que brilhou no monte da Transfiguração de Jesus Cristo, e fala como a autoridade divina e com o amor do Pai celeste que espera obediência submissa da parte de seus filhos.

Notai bem – bem, bem e bem – que há filhos desobedientes, mas ainda são filhos. É praxe dos proselytadores presbiterianos jogar poeira nos olhos dos leitores ou ouvintes, acusando-nos de negar a salvação dos crentes presbiterianos. Nada mais falso. Notai bem essa manobra e repudiai-a. Estou falando no terreno de “religião” – culto de cerimônias e organização para serviço, não no terreno da obra redentora de Jesus Cristo. Religião é uma coisa; salvação é outra. A Bíblia as distingue. (E ninguém vai agora emaranhar-se nesse labirinto etimológico sobre a origem latina do termo religião. Deus nunca deu uma sílaba de revelação a este mundo na língua latina. Logo, a palavra religio nada tem com a concepção apostólica de religião). Os batistas fraternal, cordial e sinceramente amam no Senhor a todos que foram salvos pelo sangue de Jesus, mas quando nos querem seduzir para a religião de cerimônias que não se originaram pela explicita autoridade de Jesus Cristo e as Escrituras do Novo Testamento, recusamos. Sabemos que não é novidade encontrar filhos de Deus desobedientes ao seu Pai ou ignorantes de sua vontade. Não os seguiremos, na rebelião ou ignorância, como não queremos que ninguém nos siga senão unicamente como nós seguimos a Cristo. O assunto do batismo, a Ceia e a igreja organizada absolutamente nada têm com o alcance da nossa salvação. Logo, em negar o batismo, a Ceia ou a organização eclesiástica de alguém, em nada afetamos sua salvação. Só o sacramentalismo romanista que não saiu de muitos protestantes pode levá-lo a supor que, em negar a validez de cerimônias que Cristo não instituiu, estamos negando a salvação dos que, erradamente, as praticam embora crentes sinceros no Salvador. Não. Um crente pode errar. E seu irmão pode repreender seu erro, ou pelo menos recusar abraçá-lo, sem lhe negar a salvação.

Volto ao assunto bíblico. Uma geração inteira de cristãos da Palestina observou, de 30 a 70 do primeiro século da era cristã, duas series de cerimônias sem jamais as confundir, como os presbiterianos as confundem hoje em dia. Os judeus, cidadãos da agonizante teocracia de Israel, estavam sob sua lei como a única lei nacional. Seu sábado era lei civil, obrigatório a todos, Judeus e estrangeiros, no território nacional. Assim, suas festas, ritos, taxas do templo, jurisdição dos sacerdotes que eram oficiais de higiene e tinham varias funções civis.

Pois bem. Os Judeus crentes, por quatro décadas, observaram os dois sistemas de ritos – os do mosaismo e os do cristianismo, sem os confundir e sem esperar receber remissão de pecados pela pratica de um ou de outro, ou de ambos, ou de uma fusão dos dois. Os mesmos crentes circuncidaram seus filhos e os ensinaram a crer em Cristo e, depois de crerem inteligentemente, ser batizados. Os mesmos crentes guardaram a Páscoa e a Ceia, sem as confundir ou fundir; eram membros da Assembléia Nacional de Israel e das igrejas congregacionais que pulavam na Palestina; assistiam aos cultos na sinagoga, até serem afinal expulsos, nos sábados e á reunião dos crentes nos domingos; usavam mesmo seus direitos como membros das sinagogas, em virtude de sua nacionalidade, para nelas evangelizar, sem jamais confundir sinagoga e igreja. Pagavam as taxas ao templo e as ofertas voluntárias ás igrejas. A qual dos dois ministérios davam o dizimo? O N.T. não revela. O problema passou logo e não nos interessa satisfazer a curiosidade.

Ora ninguém tem desculpa hoje em dia em confundir mosaismo e cristianismo. Os próprios crentes do povo israelita passaram oito lustros sem confundi-lo.

Nem foi reconhecida pelos apóstolos a mínima autoridade das cerimônias a cerviz do crente gentio. Nunca houve gentio que fosse obrigado a praticar a circuncisão ou guardar uma festa ou sábado ou rito do judaísmo, fora da Palestina. Mesmo em Jerusalém, Paulo recusou permitir a circuncisão de Tito, “para que a verdade do Evangelho permanecesse”, Gal. 2:5. Essa confusão calvinista de circuncisão e batismo infantil é totalmente anti-evangélica.

Esta diferença entre presbiterianos e batistas é fundamental. Sobre esta confusão, Paulo resistiu a Pedro publicamente e nunca poderemos aceitar compromisso aqui sem comprometer o Evangelho. O batismo infantil tem enganado mais vitimas, e as introduzido na organização eclesiástica sem salvação, iludindo-as terrivelmente, do que qualquer outro erro destes vinte séculos. O batismo infantil é pagão em origem e idéia, nunca teve relação alguma com a circuncisão e é sempre fatal a duradouras convicções evangélicas. Graças a Deus, caiu em desuso, mesmo em inúmeros lares católicos e protestantes que foram iluminados pela verdade do Novo Testamento pregada pelos batistas.

Em resumo, o batista quando ensina um dever cristão, vai diretamente aos mandamentos de Cristo e á norma apostólica. O presbiteriano vai se afastando do Novo Testamento, com rodeios sem fim, construindo teorias complexas para justificar-se em passar ao largo de Cristo e voltar a Moisés e Abraão para buscar o germe de suas cerimônias. É como se dois homens, um batista, outro presbiteriano, partissem do Recife a Garanhuns. Este vai a Londres, Paris, Berlin, Moscou, Xangai, Tókio, São Francisco, Nova Iorque, Havana, Barbados, Pará, São Luis e, afinal, termina a viagem.... em Teresina. O outro toma o trem e vai diretamente a Garanhuns, sem rodeios e demoras.

O batista quer saber o que é batismo, Ceia, igreja, ministério, culto, etc., etc. Ele abre sua Bíblia e vai diretamente ao seu Senhor Jesus Cristo e descobre para si. O presbiteriano faz suas desculpas, rodeios, evasivas, e filosofias e torce para se ver livre do Novo Testamento. Não encontra um mandamento de batismo infantil, um exemplo de batismo infantil, um ensino de batismo infantil, uma sugestão de batismo infantil, desde Mateus ao Apocalipse. Foge, espavorido, do Novo Testamento e busca seu batismo infantil, sua aspersão, sua organização eclesiástica, seu sacramentalismo, sua união de Igreja e Estado, seu presbitério oligárquico, etc., etc., em cerimonial levítica. A luz de Jesus não o satisfaz. Quer voltar para as sombras caducas de uma era morta e anulada.

 **(B)** O sistema do pensamento presbiteriano e o sistema doutrinário batista são diferentes quanto ao seu modo de avaliar o individuo em suas relações para com Deus.

Três grandes princípios bíblicos que são peculiares aos batistas são: a responsabilidade pessoal na vida humana, na salvação e na obediência a Cristo; o individualismo cooperador como o freio aos excessos da autoridade do Estado, do clero e do lar; e o espírito voluntário nas relações eclesiásticas e no serviço cristão.

Há dias, meses e anos na vida infantil quando a criança nada sabe, nada entende de dever ou privilegio religioso, nem peca, nem sente tentação e não tem capacidade religiosa. Morrendo a criança nesta idade, é salva e purificada pelos méritos do sangue de Jesus e vai para o céu. (Os que querem mais circunstanciada discussão desta preciosa verdade, leiam meu “Batismo Bíblico”).

Mas vivendo, continua, por algum tempo, num estado inconsciente, irresponsável e incapaz de assumir, diretamente ou por procuração, qualquer atitude ou responsabilidade religiosa ou eclesiástica. Afinal, em idades que variam com personalidades diferentes de crianças diferentemente dotadas e estimuladas, começa a aurora do conhecimento próprio, entendimento de Deus, tentação e queda em pecado pessoal, necessidade de arrependimento, fé e regeneração – em uma palavra, responsabilidade religiosa perante Deus.

O presbiterianismo faz para suas crianças decisões vitais e de suma importância, registra votos dos filhos por procuração dos pais, liga de certo modo a alma inconsciente á organização eclesiástica errada, faz provisões sucessivas para prendê-la nestes grilhões religiosos tão contrários ao espírito do Novo Testamento e, não poucas vezes, encaminha a criança até a velhice e a morte por esta vereda meramente eclesiástica sem que nunca na vida experimente o arrependimento, a fé, a salvação. Fica, ás vezes, -- e digo assim pelo testemunho voluntário de membros das igrejas presbiterianas convertidos sob a minha pregação – a mesma criatura que foi batizada na infância, promovida para o catecismo e para o rol de membros da igreja sem nunca se tornar nova criatura por uma experiência pessoal da graça de Deus. Pode haver maior tragédia do que a de ir ao inferno do seio de uma organização eclesiástica pela culpa dos pais e pastores que não deixaram á criança seu privilegio de acordar gradualmente diante da sua situação moral e espiritual no universo, buscar a Deus para si, ler ou ouvir a Bíblia para esclarecer e orientar decisões livres, aprender o caminho de salvação, sentir seu pecado e se arrepender, crer no Cristo crucificado e ser salvo, então ser batizado sob profissão inteligente de sua fé pessoal e voluntariamente entregar-se a uma vida de obediência e serviço numa igreja bíblica? Cada alma tem de descobrir Deus para si, avaliar para si que é pecadora condenada pela lei de Deus que é revelada na sua consciência e na Bíblia, arrepender-se pessoalmente do sue pecado particular, pessoalmente crer no Salvador, batizar-se com inteligente compreensão do sentido e votos de santidade expressos ao ser sepultada com Cristo pelo batismo, e entrar inteligente e voluntariamente numa igreja que julga ser bíblico e obediente, para nela servir a Deus como Deus manda. Em dizer “tem de...”, quero dizer que deve fazer tudo voluntariamente, se quiser que o ato seja valido perante Deus. O batismo infantil é uma impertinência religiosa, roubando da criança seus direitos, pondo em perigo sua probabilidade de conversão, (visto que chega á aurora de responsabilidade já arrebanhado no seio dos batizados), privando-a do privilegio de escolher para si o caminho de obediência conscienciosa, pondo sobre a sua cerviz o jugo de Calvino bem cedo na vida, encaminhando-a para a grei eclesiástica antes de ela vir a Cristo, achar o descanso de sua alma e aceitar voluntariamente aquele jugo melhor e mais leve que tem a vantagem de jungir o crente a Cristo em união indissolúvel para fazer a sua vontade no poder de sua graça.

O Dr. Edgar Y. Mullins, em “Axiomas de Religião” chama este principio um “axioma” batista – “a competência de uma alma diante de Deus”. Pais e padrinhos e padres que agem em lugar da crença, praticando na vida do inconsciente o que este deve fazer mais tarde para si, assumindo por procuração uma responsabilidade e votos que não terão a capacidade de cumprir na vida alheia, aliando a vida infantil com uma organização errada que talvez sua consciência venha a repudiar mais tarde – tais padrinhos, pais e padres são, neste respeito, indiscriminadamente responsáveis, perante Deus e a criança ultrajada, por um pecado desnecessário, de origem pagã e de conseqüências imensuráveis.

Esta intromissão na vida alheia é combatida pela doutrina batista de individualismo – individualismo altruístico, responsável, iluminado pela Escritura, orientado pelo Espírito Santo, cooperador no reino de Deus com toda boa obra, sob a autoridade de Jesus Cristo e o Novo Testamento.

O Estado, sob Calvino, Knox e seus admiradores, sucessores e discípulos, ofende a consciência, queima Serveto, bane servos de Cristo para além dos confins do país onde têm inalienáveis direitos civis, dá proteção aos privilegiados na pompa de cortes de reis presbiterianos, cobra dinheiro batista, judeu, católico e de outras greis protestantes e o dá, com culpável parcialidade, aos cofres eclesiásticos presbiterianos, impõe ou apóia credos por ato de parlamentos, confundindo assim o que é de César e o que é de Deus, em desobediência ao magno principio de independência dos dois poderes, anunciado por Jesus Cristo. A esta indevida intromissão do Estado na vida religiosa do cidadão, o batista resiste, afirmando “a competência da alma” perante Deus, dizendo em alto e bom som: “Cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus”.

O clero protegido pelo Estado, ás vezes, e arvorada em arbitro da vida religiosa de todas as crianças que nascem nos lares de sua grei, necessita de quem lhe resista a esta tirania. O individualismo batista resistiu a Lutero, a Inácio de Loyola, a João Calvino, a Henrique VIII, aos pedobatistas da Nova Inglaterra e é a fonte principal da liberdade religiosa que o mundo goza hoje. Ainda é preciso, em muitos países europeus, agitação constante da Aliança Batista Mundial, para que governos irmanados com “igrejas reformadas” concedem elementar liberdade de crença aos seus cidadãos.

Do mesmo modo, o lar pode ser tirânico, esmagando a livre vida religiosa de filhos e, não poucas vezes, de mãe e esposa também. A Escritura só ensina obediência de filhos aos pais “no Senhor”. Nenhum pai tem direito de obrigar seu filho a desobedecer a Jesus Cristo, ou de prender a esposa numa igreja que não é apostólica em doutrina, organização e pratica ou de roubar aos filhos o direito de obedecer a Cristo pessoalmente pelo batismo. O presbiterianismo ensina uma solidariedade de família que é segundo a Lei de Moisés, mas absolutamente não está de acordo com o Evangelho de Jesus Cristo. Não são os romanistas os únicos a escravizar as consciências dos filhos á “religião dos pais”. Religião dos pais não se transmite aos filhos, nem se impõe sobre a consciência dos filhos. “Todas as almas são minhas”, diz o Senhor. E cada um dará conta de si mesmo a Deus. A doutrina batista é freio salutar e forte contra a tirania eclesiástica do Estado, do clero e do lar.

O espírito batista é o espírito voluntário. Não há mercenários nem conscritos no Exercito de Jesus Cristo. Ninguém nasce neste exercito, nem se batiza nele na infância. Cada um soldado do reino de Cristo é um voluntário. Ouviu pessoalmente a chamada de Jesus: “Segue-me” e por amor sincero o seguiu. Assim fizeram os primeiros discípulos, um a um, André, Pedro, Tiago e João. E o Senhor Jesus nunca abandonou este seu principio de alistar voluntários, nunca determinou encher seu exercito espiritual pelo mero principio de descendência carnal. vO prof. Ernesto Luis de Oliveira afirma que quando Jesus disse a Pedro: “Apascenta meus cordeiros”, falava dos filhos dos crentes indiscriminadamente. Escrevi: “Se ovelhas se emprega em sentido espiritual, certamente cordeiros não menos. Os cordeiros são os jovens crentes, não a prole incrédula de pais crentes”. A esta interpretação espiritual e inevitável da passagem, o prof. exclama:

“Que barafunda! Porque meio, a não ser por um dom excepcional, poderá um pastor no Rebanho de Deus, distinguir entre os filhos dos crentes, quais os que são agora crentes, mas deixarão de sê-lo mais tarde? Quais os que não são agora, mas tornar-se-ão crentes no devido tempo? E quais os que se conservarão crentes até o final? Bem se vê que essa interpretação é absurda. Nosso Salvador colocou sob a jurisdição de S. Pedro os seus cordeiros e as suas ovelhas, os filhos e os pais desses filhos, a totalidade do rebanho, porque os filhos dos crentes são, por direito de nascença, colocados sob a tutela pastoral dos ministros evangélicos. O fato de mencionar os cordeiros em primeiro lugar e as ovelhas depois, não implica em quebra da relação filial; porque os cordeiros não se tornam por isso filhos de vaca ou de jumentas”. “Moinhos do Vento” p. 31.

Não responsabilizo o presbiterianismo pela doutrina do seu catedrático de que “crentes deixarão de sê-lo mais tarde”. Isto não é doutrina presbiteriana, mas sim metodista. Nem tenho o presbiterianismo responsável pela interpretação inábil desta Escritura, porque muito interpretes presbiterianos a interpretam mais sensatamente. Nem responsabilizo o presbiterianismo por essa idéia romanista de um pastorado universal sobre “a totalidade do rebanho” dos crentes e seus filhos no mundo. Apenas me refiro a idéia do polemico presbiteriano na qual ele é fiel a doutrina de sua grei, isto é, a inclusão, no rebanho espiritual, dos filhos dos crentes, “por direito de nascença”. Se uma criança, por direito de nascença, é “cordeiro de Deus” então apenas o crescimento natural fará que seja “ovelha” de Deus e entre ou fique no “Rebanho de Deus” sem jamais conhecer a regeneração.

Não vem ao caso qualquer simbolismo do vocábulo “vaca”, na religião cristã, porque o Novo Testamento nunca menciona a palavra vaca e não tem doutrina figurada por “jumenta” ou “filho de jumenta”. Mas tem um rico simbolismo doutrinário de ovelhas e cordeiros e Rebanho e “Pastor e Bispo de nossas almas”. Quarenta e uma vezes se acha a palavra ovelha no N. T., a maior parte em sentido simbólico a respeito dos salvos ou daqueles que forma eleitos para a salvação e que Jesus pretendia salvar e arrebanhar sob seu cuidado espiritual.

“Ovelha” neste sentido pressupõe a experiência sobrenatural do novo nascimento. Jesus fala daqueles que vêm “com vestes de ovelhas, mas por dentro são lobos”. Logo, é a experiência intima que torna uma pessoa “ovelha” genuína – não um rito exterior administrado na infância. “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna, e nunca jamais hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão”, João 10:27-28. Ser “ovelha”, ou cordeiro, segundo esta doutrina é ter vida eterna, conhecer a Jesus Cristo pessoalmente e ouvir e seguir a sua voz. Nada menos é compreensível em ser cordeiro.

Há três palavras, no Novo Testamento original, que significam cordeiro. Uma se emprega a respeito de Jesus Cristo ou em referencias á sua redenção. A segunda se usa uma vez (Luc. 10.3) a respeito dos setenta, enviados “como cordeiros no meio de lobos”. A terceira palavra se usa 30 vezes, das quais 28 a respeito de Jesus Cristo na gloria, uma vez a respeito de uma das “bestas” do Apocalipse, e uma vez em João 21:15.

O primeiro mandamento de Jesus a Pedro na memorável ocasião é: “Apascenta os meus cordeiros”. Não estava presente uma criança sequer. Não há menção de crianças no contexto imediato ou remoto. “Cordeiro” já fora usado por Jesus a respeito de homens, ativos no ministério. Jesus saudára aos apóstolos presentes com um diminutivo afetuoso logo no principio sem insinuar que eram criancinhas. A doutrina de ser ovelha quem é possuidor ou destinado á vida eterna estava gravada na memória de todos eles, como o uso espiritual geral em Cristo. Ouviram na sua primeira lição na presença de Jesus o testemunho de João Batista: “Eis o Cordeiro de Deus” – não o Cristo infantil, mas o grande Redentor. Cordeiro, para estes apóstolos, não tinha nenhuma reminiscência de ensino a respeito da infância de quem quer que seja.

Mas o que vemos? Quem busca o batismo infantil debaixo de cada folha da Bíblia procura aqui ensinar que a primeira lembrança a um apostolo penitente, numa hora preciosa de doce intimidade, é enviá-lo mundo afora a praticar o batismo infantil e a tutela que daí começa! É tão fácil crer que a lua é feito de queijo do sertão quanto é crer nessa interpretação anti-evangélica e tendenciosa.

Certamente, ninguém é cordeiro de Deus “por direito de nascença”. O “Rebanho de Deus” não é composto dos não regenerados. Os porteiros não admitem cordeiros no reino de Cristo. Natureza espiritual não se transmite pela procriação sexual de um homem, nem jamais foi concebida sexualmente por mulher alguma. Hereditariedade transmite a natureza dos pais, não o novo nascimento que adquiriram pela fé. Eles não foram “ovelhas” “por direito de nascença”, mas por experiência da graça regeneradora de Deus. E esta graça não se incorpora aos órgãos sexuais dos pais para passar de geração a geração. Não há solidariedade de família que possa açambarcar o novo nascimento e transmiti-lo aos filhos com os bens do pai. Tal concepção de religião é carnal, nacionalista e judaizante, mas não é evangélica.

Ninguém nasce cordeiro de Deus. Pois se nascesse assim, o tempo inevitavelmente o transformaria em “ovelha” sem o novo nascimento.

São ovelhas—e cordeiros—os que ouvem a voz de Cristo e o seguem. Isto é voluntariedade na salvação e na experiência cristã até ao fim. É o belíssimo principio da liberdade de escolha, da vontade soberana na dignidade humana, do homem feito á imagem de Deus e criado de novo na semelhança de Jesus Cristo. “Cordeiros” são os novos crentes, “ovelhas”, o termo simbólico em geral.

Por isto, o salmista proclamou, (na versão do imortal Carroll): “O teu povo serão voluntários no dia do teu poder”, Sl. 110:3, e o povo batista quer que o rebanho de Cristo seja sempre de voluntários em cujo coração arde o amor de Deus derramado pelo Espírito Santo, e que o cristianismo jamais seja manchado por um ato religioso involuntário, contra a consciência, insincera ou mera submissão a uma autoridade tirânica.

 **(C)** Quando o ministro presbiteriano prega a um ouvinte que busca a salvação, não tendo os compromissos eclesiásticos do batismo infantil protestante, ele prega um Evangelho ótimo. Muitos dos pregadores mais claros, poderosos e espirituais do puro Evangelho, AO PUBLICO dos seus auditórios e aos pecadores que os procuram particularmente, são ministros presbiterianos. E graças a Deus, inúmeros de seus ouvintes, embora arrolados na lista das vitimas do batismo infantil, até este tempo, ouvem seus pastores pregar a outros pecadores e se convertem e ficam na igreja calvinista, crentes salvos mas desobedientes—sem jamais obedecer a Cristo no batismo e entrar numa igreja bíblica. Os dois erros do presbiterianismo que já discutimos põem em perigo a salvação de almas e a pureza essencial do cristianismo. Ainda há vários erros que influem na vida dos salvos, como na dos enganados e do mundo e da civilização, e, embora menos sérios, são um grave desvio da norma apostólica encontrada no Novo Testamento.

Por exemplo, na doutrina presbiteriana da igreja, há bastante confusão e sérios erros. O Novo Testamento emprega o termo igreja em dois sentidos cristãos: (1) Uma congregação autônoma de crentes biblicamente batizados e organizados democraticamente, pela escolha de seus próprios pastores (=bispos=presbíteros) e diáconos, para governar-se a si mesma sob a autoridade de Cristo revelada no ensino apostólico que temos no Novo Testamento. É o único sentido em que o termo se usa no N.T. a respeito de uma organização cristã. (O termo era comum no judaísmo e no paganismo para descrever qualquer assembléia, que é a sua idéia fundamental e inalienável, mas notai dois fatos: (a) Nunca percamos de vista esta natureza congregacional, quer seja uma assembléia nacional dos Judeus ou uma assembléia dos cidadãos de uma cidade grega; (b) Não há mais razão de falar da “Igreja de Israel” do que a “igreja” pagã que se reuniu no teatro de Éfeso, clamando “Grande é Diana dos Efésios”. Ambas eram assembléias, mas não igrejas, no sentido que este termo tem adquirido nas traduções do Novo Testamento). (2) O outro sentido, em poucas passagens do N.T., é a totalidade dos crentes em Cristo, considerados sob a figura de uma congregação do Senhor, e destinada, de fato, a congregar-se no céu na presença de Jesus Cristo. “Reino”, “rebanho”, “igreja”, “exercito”, “casa”, “Israel de Deus”, “família”, “Noiva”, “templo”, “sacerdócio”, “povo” e outros termos se usam figuradamente a respeito do povo redimido por Cristo. Neste uso figurado, não vingam os característicos exteriores de “reino”, “casa”, “rebanho”, “exercito”, “Israel”, “família”, “noiva”, “templo”, “sacerdócio”, “povo”, ou “igreja”. O “reino” de Deus nada tem da pompa, burocracia, politicagem e complexa organização monárquica de um “reino” secular, mas apenas representa a soberania espiritual de Cristo em todos os corações redimidos. O “sacerdócio santo” nada tem de paramentos, sacrifícios sobre altares etc., etc. mas é a vida de intercessão, serviço e altruísmo a que todo o povo de Cristo é chamado. Assim com os demais termos. No sentido figurado e espiritual, a “igreja geral” de Deus não é nenhuma organização eclesiástica, nem se confunde com qualquer grei eclesiástica, nem é composta de todas elas ou de qualquer grupo delas. A “igreja dos primogênitos” significa os regenerados, absolutamente independente de considerações de sacramentos, concílios, clero, organização e quejandos. Todos os salvos formam esta igreja, alguns católicos, muitos protestantes, muitos batistas e outros como o malfeitor convertido no Calvário – alma nua, lavada pelo sangue de Cristo, mas sem praticar rito algum ou pertencer a nenhuma organização religiosa. Há milhões que foram “batizados” (?) na infância e ficam arrolados numa grei eclesiástica qualquer, mas não pertencem á “igreja geral” a despeito de ser arrolados numa organização eclesiástica, quer seja bíblica ou anti-bíblica. Organizações não salvam. E há muitos – só Deus sabe quais – que não pertencem ás igrejas da terá, mas farão parte da igreja gloriosa que se congregará na presença de Jesus. Igrejas bíblicas são organizações. Nelas podem entrar um Judas, um Ananias, uma Safira, um Simão Mago, um Demas, um hipócrita qualquer, ou um incrédulo sinceramente iludido. Mas a “igreja geral” não é organização, não depende do falível juízo humano, mas é a comunhão dos santos, agregados espiritualmente a Jesus Cristo pela fé.

É um erro terrível confundir o reino de Cristo e a organização eclesiástica. “S.” Agostinho cometeu este erro colossal, esta mais grave das heresias. Lutero era frade de ordem Agostinha e nunca largou esta confusão herética. E Calvino era adepto do mesmo “Santo” e sua teocracia em Genebra confundiu pavorosamente o reino de Deus e a autoridade eclesiástico-civil, concepção para sempre manchada com o sangue rubro de Miguel Serveto.

Os batistas seguem o Novo Testamento em usar o termo igreja nestes dois sentidos apostólicos sem jamais confundir o sentido formal com o sentido figurado, a organização com a comunhão.

Passando agora a examinar a natureza das organizações apostólicas chamadas igrejas, notemos a fidelidade dos batistas a esta norma apostólica. Se o apostolo Paulo voltasse á terra agora, ele acharia na vida batista precisamente os características da vida das igrejas apostólicas. Seus membros todos professam a fé pessoalmente. A regra é exigir membros regenerados, como no primeiro século. Todos os membros são “sepultados pelo batismo” e “ressuscitados”, em santo símbolo, pelo mesmo rito, preservado na sua pureza apostólica – forma e espírito. Não há nenhuma igreja nacional, no sentido geográfico – organização coextensiva com o território nacional. Não ah sínodos ou concílios superiores para assenhorear as igrejas e subjugá-las a uma oligarquia eclesiástica que seja tribunal supremo sobre todas elas. O único presbitério apoiado por Paulo, ou pelos batistas, é uma reunião de pastores para consagrar novo pastor – não uma oligarquia sobre as igrejas para usurpar delas os direitos e funções bíblicas. A Ceia é ato de cada uma igreja bíblica (I Cor. XI). Os diáconos são eleitos pela “comunidade dos discípulos”, congregada para isto por seu ministério, como em Atos VI. Na escolha de pastores, vota-se por levantar a mão direita, como é a significação do verbo grego na descrição da escolha de presbíteros (=bispos=pastores) nas igrejas onde Paulo ensinou e presidiu este dever do povo, nas novéis igrejas por ele fundadas. Nas igrejas batistas, a disciplina é feita como Jesus mandou. Se esforços particulares ou de grupos não conseguem harmonizar os ofendidos ou ganhar o desviado, obedecemos ao mandamento de Cristo: “dize-o á igreja”. E a igreja – não uma pequena oligarquia nela – exerce a disciplina ou a eliminação do indigno. Isto é feito pelo voto da maioria, como no caso de disciplina em Corinto, (II Cor. 2:5).

As igrejas presbiterianas não têm autonomia, nem são parecidos com as igrejas apostólicas em batismo, organização, ministério, disciplina, funções, escolha democrática de oficiais, conferencias livres entre duas igrejas como a entre as de Antioquia e Jerusalém descrita em Atos XV, presbitérios unicamente para consagrar – nunca para açambarcar absolutismo – etc., etc. Elas venderam sua primogenitura a organizações desconhecidas ao Novo Testamento – sínodos e concílios que são uma serie de tribunais desconhecidas á Bíblia. Perderam a autonomia local e inventaram uma igreja nacional, coisa radicalmente contraria ao espírito e ensino do Novo Testamento.

Os batistas repudiam o sistema eclesiástico do presbiterianismo ao mesmo tempo que reconhecem fraternalmente a salvação de qualquer crente presbiteriano. Sua salvação é de Cristo e tem, para nós, infinito valor. Sua organização eclesiástica é de João Calvino, mera relíquia do gênio organizador de um homem, que não tem valor algum sobre a consciência cristã e não pode fazer caducar a norma apostólica que nos é obrigatória. Obedecer a Deus ou aos homens, no terreno de muitos mandamentos de Jesus Cristo e seus apóstolos – é o que envolve a escolha entre ser batista ou presbiteriano.

**Observação do Pr Calvin:**

**Peço-lhes licença, pois não concordo do uso "geral" que o ilustre Dr Taylor dá à palavra "igreja". Para explicar qual razão discordo, permite-me que o Dr Anibal Pereira dos Reis explica no mesmo estilo do Dr Taylor.**

Ao pronunciar a palavra IGREJA sinto-me no intransferível dever de levantar uma observação. Seu realce mais do que nunca hoje se faz mister. É a seguinte: Em mais da metade das vezes em que se encontra esse vocábulo no Novo Testamento ele está no plural: IGREJAS, certamente para destacar, salientar, frisar, sublinhar a natureza congregacional e local da Igreja.

Infelizmente alguns termos gregos, ao ser traduzido o Novo Testamento, foram simplesmente transliterados. Por imposição de facções interessadas em sua postura de engano, esses termos não foram vertidos. Um deles é IGREJA. Sua tradução seria, ou melhor, é: assembléia, congregação, agrupamento, agremiação, ajuntamento ou reunião, grupo ou conjunto de indivíduos. Associação de pessoas para determinado fim.

Por conseguinte, na qualidade ou condição de ASSEMBLÉIA (que implica em todos os sinônimos acima enfileirados), a Igreja só pode ser CONGREGACIONAL. Em conseqüência, as Igrejas soa autônomas, independentes entre si. Espiritualmente democráticas.

Portanto igreja católica, ou seja, universal, no sentido que o romanismo quer, é uma anomalia. Uma aberração etimológica e doutrinária. O mesmo se diga da igreja nacional ou regional. É outrossim uma aberração e uma anomalia sinonimizar-se igreja com denominação evangélica: a igreja metodista, a igreja presbiteriana, a igreja batista.

O que? Não nego! Está lá! Nas Escrituras do Novo Testamento há o vocábulo IGREJA no singular. Todavia não no sentido de uma igreja universal que abrange ou abarca todos os crentes em Jesus Cristo de todas as denominações evangélicas e todos os crentes desligados de qualquer uma delas.

Igreja no singular como é consignada em certas passagens do Novo Testamento tem o sentido genérico. É para designar a instituição, sem querer favorecer a idéia de uma igreja universal invisível. Igreja universal invisível como se fosse a soma de todas as igrejas de todas as denominações ou a totalidade de todos os salvos pertencentes às igrejas de todas as denominações ou fora de qualquer igreja.

Esta noção de uma igreja universal invisível é por completo alheia do Novo Testamento.

Embora corra risco de me tornar repetitivo, insisto: quando no Novo Testamento surge o vocábulo singular IGREJA é tomado ou entendido no sentido de instituição. É o caso! Quando eu digo: a FAMÍLIA refiro-me à instituição familiar sem imaginar uma família universal, uma familiona do tamanho de todo o mundo visível e invisível.

E há mais! E isso ocorre com muitas palavras nas próprias Escrituras. Por exemplo, com o termo Batismo. Às vezes são tomadas em sentido figurado. Figuradamente o batismo pode ser tomado como batismo em fogo, em dores, em sofrimento. A própria expressão Batismo no Espírito Santo é a adoração do vocábulo em sentido figurado.

Fato igual se dá com a palavra IGREJA. No singular, em sentido geral, pode ser simbolizada na acepção da comunidade ou congregação de todos os salvos e não no sentido de uma organização.

Querem saber mais? Também lá no Céu a Igreja é Congregacional. LOCAL. Com efeito, se o Céu é um estado, também é um lugar (Jo. 14.2). Por conseguinte, também lá no Céu a Igreja será a assembléia, a congregação total, completa, dos salvos. E só desfruirão desse galardão de participar dela, os salvos que aqui na terra foram membros de uma legitima Igreja Local. Os outros, embora gozem da visão beatífica, serão privados desse prêmio. (Do livro: "Ceia do Senhor: Livre ou Restrita?")

**(D)** Além de discordar sobre a relação entre os Testamentos, quando á vida cerimonial do cristianismo, e sobre a competência da alma em religião, sem batismo infantil ou solidariedade de família no terreno da consciência ou intromissão de pais ou padrinhos ou pastores ou o Estado no domínio da responsabilidade pessoal a Deus, e sobre a natureza apostólica das igrejas obedientes ao Novo Testamento e a espiritualidade da comunhão dos santos na igreja universal, independente de todas as considerações eclesiásticas ou sacramentais – além de tudo isto, divergimos radicalmente em nossas concepções do ministério.

O povo batista, como os crentes apostólicos, combinam as idéias do absolutismo divino e da democracia cristã no tocante ao ministério. Cremos que Deus chama a quem Ele quer e que as igrejas livremente escolhem seus pastores entres os chamados. Deus é absoluto na chamada do ministério. As igrejas são independentes de concílios humanos em escolher, sob o Espírito Santo, entre os chamados que lhes são conhecidos e accessíveis. Foi assim que a primeira igreja escolheu o sucessor de Judas Iscariotes.

Os presbiterianos constituem uma oligarquia aristocrática, por gosto. Os batistas são democráticos no seu ideal. Os presbiterianos recusam ter pastores não educados. Em geral, limitam seu ministério aos diplomados. Isto teria eliminado do ministério os doze apóstolos e o próprio Senhor Jesus Cristo; teria roubado ao cristianismo homens como Spurgeon, Carey, Bunyan e Waldo; torna o cristianismo uma religião das capitães favorecidas; e abandona, com honrosas exceções, a massa rural á sua sorte. O pres. Theodoro Roosevelt era presbiterianos, mas censurou esta tendência aristocrática de seu povo, testemunhando que, se não fossem os sacrificiais ministros batistas e metodistas, as multidões comuns na sua pátria, em grandes zonas, teriam ficado sem o Evangelho.

Nós cremos na educação, segundo nosso principio voluntário, mas não queremos mero ministério de literatos, nem recusamos os chamados pelo Espírito Santo que nunca tiveram o privilegio de se formar numa escola superior. Somos tão cegos ao espírito do Novo Testamento? O presbiterianismo sempre visa açambarcar as classes favorecidas. Os batistas visam evangelizar, batizar e ensinar a obediência a toda criatura até aos confins da terra, como Cristo mandou, sem nenhum espírito de classe, sem adulação, medo, favoritismo ou preconceito no tocante a classe alguma.

Outra vez, o espírito batista, e não o espírito presbiteriano, é o ideal apostólico.

**(E)** No terreno da obediência a Cristo, a propaganda presbiteriana abra a censurável distinção entre mandamentos essenciais e não essenciais, como o romanismo sua distinção entre pecados mortais e veniais. O espírito leal é bom outro – obedecer a Jesus Cristo em tudo. Todo o mandamento é essencial ao fim visado. Os mandamentos evangélicos (arrependei-vos e crede) são essenciais a salvação. Os mandamentos morais são essenciais ao bem estar pessoal, domestico e social. Os mandamentos civis (Dai a César o que é de César) são da essência do patriotismo cristão. Os mandamentos eclesiásticas visam conservar e propagar igrejas bíblicas, obedientes á vontade de Cristo, órgãos bem adotados ao trabalho missionário e disciplinador da vida dos salvos. O batismo bíblico, a Ceia simbólica, a escolha de pastores, a disciplina democrática, a autonomia e cooperação das igrejas são doutrinas vitais ao propósito que Cristo teve na vida coletiva de seu povo, embora não sejam essenciais ao patriotismo, á felicidade domestica ou á vida eterna. Há vastos terrenos na experiência cristã alem da salvação e, nestes terrenos, a autoridade de Cristo merece tanto respeito como em qualquer outro. Muitos em a ousadia – a insolência – de pensar: “Bem, Senhor Jesus! Eu reconheço que tu mandaste a imersão, as igrejas autônomas, o ministério chamado pelo Espírito sem exigência de diplomas ou literatice, a Ceia simbólica – ‘em memória de ti’ –, a disciplina pelo voto da maioria, e todas estas praticas batistas. Mas tem paciência, Mestre! Estas coisas não são essenciais á salvação. Logo, não me importa obedecer-te. Prefiro obedecer aos meus pais, á minha mulher, ao meu noivo, á elite da cidade. Adeus, Jesus. Já te obedecia nas coisas vitais e consegui minha salvação. No demais, tu não mandas na minha vida. Obedecer-te não é essencial e é muito inconveniente, na minha família e nas minhas circunstanciais”.

Certamente, isto entristece o Salvador. Não é assim que ele quer seu povo. Ele não quer discípulos que sejam meros exploradores, chupando dele todas as vantagens, não dispostos a nenhum sacrifício para a obediência á sua santa vontade. A voz batista reafirma: “Eis que o obedecer é melhor do que o sacrifício, e o atender do que a gordura dos carneiros. Porque a rebelião é como o pecado da adivinhação, e a obstinação é como a idolatria e os teraphins”. E ouvimos a doce voz de Jesus acrescentar: “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos”. “Se alguém me amar, guardará a minha palavra...Quem me não ama, não guarda as minhas palavras”. “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor”. “—instruído-as a observar TODAS AS COISAS que vos tenho mandado”.

É neste terreno que surge toda a questão do que é um ato bíblico de obediência a Cristo no batismo. Os reformadores e lexicógrafos e comentadores dão um testemunho monotonamente uniforme de que a palavra usada por Jesus em mandar o batismo, significa imersão. Pois bem. Então, Jesus deu o exemplo, o mandamento e o simbolismo de imersão aos seus discípulos e nada menos do que ele exige é obediência.

Simples questão de fatos e de vontade de agradar ao Senhor.

**(F)** Há uma vasta diferença entre os organizações gerais de presbiterianos e batistas. Estas não açambarcam a liberdade e funções das igrejas. Aquelas usurpam quase tudo. Os batistas têm demonstrado sua capacidade de criar, usar, modificar – ou abandonar para coisas melhores – organizações variadissimas, internas e externas, para o trabalho local e cooperativo das igrejas sem roubar a nenhuma igreja uma única função bíblica. Tais organizações não têm autoridade eclesiástica, não batizam, não celebram a Ceia, não consagram ministros, não resolvem problemas de disciplina, não constituem tribunais sobre as igrejas ou o ministério. Operam no terreno de cooperação voluntária na tarefa missionária comum ás igrejas, e estas ficam completamente autônomas, como nos dias de Paulo. É a vitória do bom senso e cooperação, dentro dos princípios do Novo Testamento, sem se abandonar a norma apostólica.

Mas as organizações gerais presbiterianas roubaram das igrejas a essência de sua liberdade, funções e jurisdição. A cooperação batista de igrejas livres não teme comparação quanto á sua eficiência.

**(G)** Lendo a melhor e mais famosa “Confissão da Fé” presbiteriana, a de Westminster, elaborada por uma comissão nomeada pelo parlamento britânico e submetida ao mesmo parlamento em 1647, notamos os seguintes “Capítulos”: Da Sagrada Escritura, De Deus e da Santa Trindade, Dos Decretos Eternos de Deus, Da Criação, Da Providencia, Da Queda do Homem, Do Pecado e da sua punição, Da Aliança de Deus com o Homem, De Cristo o Mediador, Do Livre Arbítrio, Da Chamada Eficaz, Da Justificação, Da Adoção, Da Santificação, Da Fé Salvadora, Do Arrependimento para a vida, Das Boas Obras, Da Perseverança dos Santos, Da Certeza da Graça e Salvação, Da Lei de Deus, Da Liberdade Cristã, Da Liberdade de Consciência, Do Culto Religioso e do Dia do Sábado, De Legítimos Juramentos e Votos, Do Magistrado Civil, Do Casamento e Divorcio, Da Igreja, Da Comunhão dos Santos, Dos Sacramentos, Do Batismo, Da Ceia do Senhor, Das Censuras Eclesiásticas, De Sínodos e Concílios, Do Estado do Homem depois da Morte e da Ressurreição dentre os Mortos, Do Juízo Final – 33 capítulos.

A Confissão de Fé mais largamente usada entre os batistas tem 18 “Artigos”: Das Escrituras, Do Verdadeiro Deus, Da Queda do Homem, do Caminho da Salvação, Da Justificação, Da Livre Oferta de Salvação a Todos, Da Graça na Regeneração, Do Arrependimento e Fé, Do Propósito de Deus na Graça, Da Santificação, Da Perseverança dos Santos, Da Harmonia da Lei e do Evangelho, De Uma Igreja Evangélica, Do Batismo e da Ceia do Senhor, Do Sábado Cristão, Do Governo Civil, Dos Justos e dos Ímpios, Do Mundo Vindouro.

Notamos certas diferenças em atitude. A Confissão “Westminster” foi feita pela autoridade secular, juntamente com a religiosa. Nenhuma confissão batista jamais visou alcançar domínio, apoio ou privilegio político.

A ênfase é bem diferente. A confissão presbiteriana tem seis capítulos sobre a igreja e os sacramentos – seis em trinta e três. A confissão batista tem dois em dezoito. A ênfase presbiteriana é muito mais eclesiástica do que a batista. Afirma-se uma igreja católica ou universal invisível “composta do numero total dos eleitos”, e uma igreja católica ou universal visível, composta de todos através do mundo que professam a verdadeira religião e seus filhos. Isto é chamado “o reino do Senhor Jesus Cristo, a casa e família de Deus, fora da qual não há possibilidade ordinariamente de salvação”.

Disto discordamos com todas as veras de nossa consciência. É de “S.” Agostinho, não do Novo Testamento. É um elemento radicalmente romanista. Não existe tal igreja e nada tem com a salvação de quem quer que seja. Esta igreja Católica visível é composta, na opinião de Westminster, de igrejas particulares. Outra idéia sem uma sílaba de apoio no Novo Testamento.

Afirma-se uma união sacramental entre o sinal e o objeto significado; de onde procede que os nomes e os efeitos de um são atributos ao outro. Para o coração batista, isso é mera superstição, um romanismo diluído. Detestamos a idéia de que “pelo devido uso desta ordenança a graça prometida não só é oferecida mas realmente exibida e conferida pelo Espírito Santo a tais (quer adultos, quer criancinhas) quais esta graça pertence segundo o conselho da própria vontade de Deus, ao seu tempo determinado”. Há confusão propositada aí, meio caminho entre Roma e o Evangelho, mas, se significa coisa alguma, tal linguagem manifesta uma atitude supersticiosa para com o batismo infantil.

A Ceia do Senhor é declarada “selar em todo o verdadeiro crente todos os benefícios” da morte de Cristo. \* É outra vasta superstição sacramentalista.

Em rejeitar esse sacramentalismo, a consciência batista tem prestado um serviço de incalculável valor para manter o ideal de um cristianismo espiritual e não uma graça mecânica, materializada em atos físicos e substancias consagradas.

Provisão é feita, entre as “censuras”, para a “suspensão do sacramento da Ceia” sem ser eliminado da igreja. Aos oficiais da igreja é dada esta autoridade arbitraria para fazer o que o Novo Testamento não autoriza. Este abuso não existe entre os batistas.

O capitulo sobre sínodos e concílios fez provisão para o direito de magistrados civis convocarem sínodos religiosos. (A edição americana repudiou este trecho). E a estas organizações inteiramente sem autoridade bíblica é dada soberania sobre igrejas, ministério e membros, assim estabelecendo uma oligarquia sobre as igrejas que o Novo Testamento desconhece.

A fé é discutida como se existisse antes do arrependimento, embora a ordem bíblica seja sempre contraria da presbiteriana.

O capitulo sobre casamento define como um dos propósitos do casamento: “o aumento da Igreja com uma semente santa”. A linguagem tem a confusão de ambigüidade da doutrina presbiteriana da Igreja, do batismo infantil e da inclusão de crianças de crentes nos benefícios da aliança da graça.

O capitulo sobre Magistrados Civis não é leal ao principio de separação de Igreja e Estado, nem pode ser. O germe de tirania está nele.

O presbiterianismo afirma “uma e a mesma aliança da graça” sob as duas eras mosaica e cristã. Não ignora isto toda a doutrina de Jeremias e Ezequiel profetizando uma nova aliança que a Epistola aos Hebreus declara ser agora ser uma realidade em Cristo? Mesmo na aliança com Abraão, Paulo repudia, na Epistola aos Gálatas, a hereditariedade de bênçãos espirituais “por direitos de nascença”.

Há ainda a tremenda ênfase presbiteriana sobre predestinação – doutrina que os batistas aceitam, mas não pregam de modo a obscurecer a responsabilidade humana, o dever missionário do povo de Cristo e o livre arbítrio. Questão de ênfase, e a ênfase batista é mais acorde com o espírito do Novo Testamento, tendo o próprio presbiterianismo se modificada neste respeito: É bom corrigir-se; melhor ainda não ter ido a excessos e extravagâncias doutrinarias.

As “confissões” presbiterianas são autoritárias e servem de base a tremendos processos contra hereges. Os batistas nunca eliminam um homem por discordar de uma confissão de fé, mas tão somente por desviar-se da Palavra de Deus.

Assim se vê que, mesmo nas suas declarações formais, presbiterianos e batistas divergem seriamente no ensino. É fútil afirmar “uniformidade” nestas “confissões de fé” entre si ou com os credos oficiais do luteranismo.

**(H)** Além das terríveis manchas de intolerância, fogo e sangue dos presbiterianismo do passado, além da sua fornicação com César em vários países hodiernos, recebendo dos cofres do Estado fundo para fins sectários, além de sua posição privilegiada em alguns países como uma das igrejas nacionais oficializados e subvencionados ao lado do romanismo, – posição que desejou na Virginia, mas que os batistas da outra América derrotaram com sua doutrina de absoluta separação de Igreja e Estado, apoiada por Washington e Jefferson, – além de a situação anormal no Brasil e outras nações em que tantos ministros presbiterianos, esquecidos da ordem expressa de Jesus para que os que pregam o Evangelho vivam do Evangelho, vão pregando o Evangelho e vivendo, pelo menos em parte, do dinheiro do Estado, unindo em seu ministério a autoridade da Igreja e do Estado, temos ainda o unionismo que visa tornar esta Igreja Católica visível uma realidade – um neo-catolicismo. O presbiterianismo está á frente das igrejas nacionais unionistas formadas no Oriente, no Canadá, etc., está discutindo agora união com os anglicanos na Escócia, tem adotado compromissos na Alemanha, e promove esses congressos unionistas do Panamá, Montevidéu, Jerusalém, etc., onde não se esconde o fato que seu promotores visam precisamente o que os reformadores visavam – uma igreja católica visível que inclua o romanismo e tudo mais. Tal neo-catolicismo seria tão tirânico, anti-biblico e destrutivo dos melhores valores da religião e da civilização quanto foi qualquer das atuais seitas do catolicismo. Louvo muitos eminentes presbiterianos como Machen, nos EUA, e os missionários do Sul do meu país e do Canadá e México, que se revoltam contra o unionismo e dão ao mundo seu testemunho consciencioso. Mas eles estão na minoria e só conservam sua posição por meio de atitudes schismaticas com a direção da maioria do seu povo.

O presbiterianismo não é o puro cristianismo do Novo Testamento, nem seus dirigentes mundiais visam ser. Querem sacrificar considerações de verdade e lealdade a Cristo á sua incessante, intolerante e, ás vezes, injuriosa campanha de unionismo.

O povo batista em quase todos os países, embora afetado num lugar ou outro por este vasto programa unionista, todavia procura manter um cristianismo puro como Cristo entregou ao seu povo e mandou perpetuar no mundo até a sua volta.

(I) Quanto a nomes, são comuns aos crentes presbiterianos, batistas e a todos de igual fé preciosa os nomes gerais da família de Deus na linguagem apostólica – “discípulos, crentes, filhos de Deus, irmãos, santos, Caminho que chamam seita, servos”, e o termo que os pagãos inventaram bem cedo na historia apostólica: “cristãos”.

Ninguém açambarca estes títulos, que são de todos os que crêem evangelicamente no Salvador.

Outros nomes, pois, têm surgido para distinguir os grupos numerosos em que a cristandade ficou dividida. É tão fútil protestar contra isto, como seria recusarmos ter nossos nomes de família. Suponhamos que cada qual dissesse: “Eu não quero estes nomes que distinguem e separam a família humana – esses Oliveiras e Laranjeiras e Coelhos e Lincolns e Lopes e Silvas e Cunhas, etc. Eu só me chamo Homem, dora avante”. É clara a confusão resultante desse catolicismo de nome que não esconde as reais diferenças de raça, tribo, hereditariedade, família e natureza.

Contudo, nomes têm valor. Não vejo, entre as denominações, nenhum superior ao nome batista.

**(1).** Em primeiro lugar, os demais não são bíblicos. Nada se lê na Bíblia dos católicos, protestantes, evangélicos, luteranos, calvinistas, metodistas, pentecostais, sabbatistas, presbiterianos ou batistas. Mas é bíblico, como titulo de um grande homem, o nome batista. Não há evidencia de que o nome seja, nesta conexão, de origem humana. Indica a missão do maior mortal nascido de mulher. Sua missão era batizar. Seu batismo resumia, definia e salientava sua missão.

Não foi porque o Batista associasse a salvação com o batismo. Ele apontou a todos o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Não pregou o sacramentalismo. Não batizou criancinhas. Não batizou para salvar. Exigiu arrependimento e fé (e nesta ordem), confissão publica do pecado abandonado, frutos dignos do arrependimento, e submissão ao Senhor Jesus que derramava sobre os seus os dons do Espírito Santo.

Não foram, pois, os batistas que inventaram o nome batista, nem deram a esta cerimônia sua posição de fachada majestosa do edifício apostólico. Deus assim o determinou, e lemos no mais antigo dos Evangelhos: “Principio do Evangelho de Jesus Cristo...apareceu João Batista no deserto, pregando o batismo de arrependimento para a remissão de pecados”.

O batismo manifestou Jesus a João como o Messias, foi escolhido pela Trindade como hora oportuna na plenitude dos tempos afim de manifestar pela primeira vez aos homens, visível, audível e sensivelmente as pessoas de Pai, Filho e Espírito Santo em um ato de alta significação simbólica. O batismo separou um povo, previamente evangelizado e regenerado, para o Senhor – a matéria pratica de que ele havia de escolher seu apostolado e amoldar sua primeira igreja da verdade, concretizando-a no Novo Testamento.

O Batista separou do Estado a religião, unindo-a indissoluvelmente, pelo seu ensino, com a moral, a inteligência e a espiritualidade. O Batista exaltou mais alto do que os picos dos Alpes e os rochedos do Líbano a doutrina de conversão, regeneração do individuo, conversão domestica, (“converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com anátema”, conversão esta tão necessitada hoje em dia!), uma mudança radical da mentalidade que é o arrependimento, uma conversão que visa abranger, uma um, a nação e a raça, trazendo as cativas á vontade de Jesus Cristo.

O Batista pregou a democracia. Os grandes outeiros da soberba aristocrática seriam arrasados e os vales sombrios dos oprimidos e escravizados seriam elevados ao nível do outeiro humilhado pelo regime evangélico. Herodes não recebe adulação do Batista. Ele não se faz pensionista, nem protegido, nem procura tesouro real pistolão para seus discípulos. Fariseus nada valem diante do Batista. São os soberbos nacionalistas de seu dia. Confiam nos seus “direitos de nascença”. O Batista opinou que as pedras quebradas nas miseráveis estradas da Palestina valiam tanto para produzir filhos de Deus quanto esse soberbo “direito de nascença”. Nem raça, nem política, nem riqueza, nem posição, nem ritos, nem nacionalismo, nem coisa alguma, senão um coração arrependido e crente, vale coisa alguma diante do Deus do Batista, nem conseguiria o batismo que ele do céu mandara João inaugurar.

Deus deu ao batismo seu lugar de realce no Cristianismo. É para os salvos e, nesta capacidade, os revela, os estimula, os define, os alista no exercito dos leais a Cristo, por eles informa dos grande eventos da redenção – a paixão e ressurreição de Cristo – , os anima com sua promessa da ressurreição do corpo, e os admoesta a sepultar a velha vida e andar em novidade de vida como, no seu batismo, fizeram votos de assim viver. Batismo não é mera bagatela, como cinicamente proclamam os polemistas, enraivecidos porque sabe que seu batismo não é bíblico.

Costumavam dizer o Dr. Love, que nos visitou no Brasil, que o batismo não salva o pecador. Cristo salva. Mas que inúmeras vezes o batismo tem salvo o Cristianismo. Quase toda a verdade cristã está de alguma maneira associada com a pratica, a historia ou o significado do batismo – a Trindade, a redenção, a ressurreição, o arrependimento, a fé, a conversão, a moral, a humildade, a carreira messiânica de Jesus, seu reino, sua igreja, seu ministério, etc., etc.

Nós também, membros de Igrejas bíblicas, somos batistas. O nome não nos envergonha. Queremos ser arautos da autoridade real de Cristo em nossas vidas e a Cristo obedecermos e não aos reformadores do romanismo. Amamos a democracia do Batista e dos batistas e amamos as suas verdades, sua espiritualidade e suas doutrinas praticas e apostólicas. Não temos o nome, pois, por sectário, mas, se sectários o empregam para descrever nossa posição, não o recusaremos enquanto todo o povo de Deus não voltar á simplicidade de Cristo.

“Presbiteriano” – vem de um mero pormenor da organização cristã, e um em que os “presbiterianos” estão redondamente errados. Presbitérios apostólicos não usurparam a liberdade e funções das igrejas do Senhor, mas tratavam apenas da consagração de novos ministros e da cooperação ministerial em os misteres do seu oficio.

Somos crentes em Cristo antes de mais nada. Mas, salvos por seu sangue, o amor nos leva á obediência. E os obedientes á autoridade de Cristo, na forma e no espírito do Novo Testamento – os que, embora cônscios de seus defeitos e fraquezas pessoais, contudo elevam este ideal para si e para todos, – são na atualidade o povo chamado batista. Não pregamos a nós mesmos, mas os direitos reais da coroa de Cristo cuja defesa é a única razão de nossa vida organizada nos moldes de igrejas do Novo Testamento.

**P. S**. (Julguei melhor analisar a diferença entre a doutrina presbiteriana de que um “sacramento” é o selo da fé e a doutrina apostólica de que o selo é o Espírito Santo).

O selo do crente é o Espírito Santo. Roubar-lhe esta função e atribuí-la a um sacramento é perder grande parte da espiritualidade do cristianismo. O batismo nunca é chamado nem sacramento nem selo, na Escritura. A aplicação do termo selo ao batismo é invencionice eclesiástica. Não há silaba de autoridade por semelhante sacramentalismo, nem vislumbre de apoio a tal idéia, no Novo Testamento.

**Qual o valor de um selo?**

1. Indica validez. O Espírito Santo é o selo do crente. Sem seu contato vital e regenerador ninguém é salvo.

Mas, segundo os presbiterianos, o batismo é o selo. Será que sem o batismo não é valida a salvação? É superstição pagã, mero romanismo. Pelo contrario, o N. T. ensina tão somente o batismo de crentes. Sem a fé salvadora anteriormente experimentada, nenhum batismo é valido. A ênfase batista é espiritual. O Espírito é o selo.

2. O selo marca possessão, afirma propriedade, esclarece o nome do Dono. O Espírito Santo é o selo do crente. Ele sela em nós a marca da propriedade divina. Sua impressão em nossa vida e caráter é a prova cabal de que somos de Deus.

Havemos de abandonar esta doutrina e fazer do batismo o selo? Pois que? Quem não for batizado não é de Deus? Não pode demonstrar ser possessão divina? Não é propriedade do nosso Pai? Contestamos. É mentira de Roma e de seu paganismo “rantisado”. Um ato físico não é a marca de qualidade ou estado espiritual. Esta marca tem de ser espiritual, não sacramental, como nós somos espirituais.

3. O selo protege e sagra o que é selado de modo que se torna inviolável. As urnas lacradas com o selo do Estado, mãos de estranhos não as violam, roubam ou abrem. Nós somos selados “até aquele dia”. Ninguém pode invalidar nossa salvação eterna em Cristo. O Espírito Santo é o selo divino em nós que nos garante eternamente, assegurando nossa salvação.

É um sacrilégio transferir para um “sacramento” esta obra do Espírito Santo. Tal cerimonialismo é crassa heresia, desonra ao Espírito de Deus, promove o materialismo sacramentalista e guerreia contra a espiritualidade da fé, do individuo, da igreja e da civilização. É um grave desserviço á causa evangélica. É um erro de Roma que Calvino tomou emprestado.

Selo de crente – só o Espírito de Deus!

***Autor: Dr William Carey Taylor
Digitação: David C. Gardner 11/2008
Fonte:*** [***www.palavraprudente.com.br***](http://www.palavraprudente.com.br)